

Fome no Brasil vira tema de filme

■ Novo documentário do diretor de 'Conterrâneos' vai mostrar a miséria no país

Julio Fernandes

LUIS TURIBA

Depois de cinco meses apresentando seu filme *Conterrâneos Velhos de Guerra* — documentário sobre a construção de Brasília — em festivais e encontros na França, Alemanha, Bélgica, Espanha e Portugal, o cineasta Vladimir Carvalho volta à cidade e já começa a batalhar seu próximo projeto: o filme *Rango*, sobre os efeitos da fome. "Será mais um documentário longa-metragem sobre a realidade brasileira, que pode ser dividido em vários filmes: *Rango I, A Seca; Rango II, A Favela; Rango III, O Homem Gabiru*, e assim por diante."

O roteiro inicial está pronto. Orçado em US\$ 700 mil, o projeto já tem proposta de uma produtora francesa, a Alitieri. "O ideal seria seguir o Lula no chamado percurso dos miseráveis.", explica o cineasta.

Vladimir Carvalho voltou a Brasília convencido de que "o mundo visual europeu sente falta da imagem e cultura brasileiras levadas, durante anos, pelo cinema nacional". O sucesso na Europa foi tanto que o cineasta acaba de receber mais dois convites para apresentar *Conterrâneos* nos festivais de São Francisco, nos EUA, e Iamagata, no Japão. Mas a cópia do filme com legenda em inglês está presa na Alfândega do DF e ele diz não ter dinheiro para liberá-la.



O filme de Vladimir de Carvalho sobre a construção de Brasília foi bem recebido em festivais da Europa

CINCO PERGUNTAS PARA VLADIMIR CARVALHO

— Qual a impressão dos europeus, hoje, sobre o cinema brasileiro?

— O mundo sente falta dos filmes e da imagem do Brasil. Apesar da crise, da inexistência de produção de novos filmes, o que fica patente neste contato com o cinema da Europa é que eles continuam a esperar nossas imagens. O cinema novo produzido por Glauber, Nelson Pereira, Joaquim Pedro e Leon Hirszmann criou na Europa um público que espera pelos filmes brasileiros. Glauber ainda é um personagem vivo por lá.

— No seu caso pessoal, como este interesse se manifestou?

— Eu havia perdido o prazo para inscrever *Conterrâneos* no Festival de Paris, que hoje é o mais importante do mundo no gênero documentário. Em fevereiro, estava em Lisboa, e resolvi fazer uma visita de

cortesia a diretora do festival, Suzette Glenadel, e para meu espanto, ela estava me caçando há vários dias. Suzette havia assistido meu filme através de um cassete e resolveu fazer a inscrição, mesmo fora do prazo, na categoria *hours-concours*. Na França, o filme ganhou o nome de *Vieux Camarades* e o *Le Monde* o considerou "provocador". Como se não bastasse a atenção, ainda fui colocado no júri internacional do Festival de Paris. Entendi que não foi uma homenagem para mim, mas ao Brasil, ao cinema brasileiro.

— Que informações os europeus têm sobre atual situação do cinema brasileiro?

— Eles querem saber tudo: quando o Nelson Pereira dos Santos vai terminar as filmagens da *Terceira*

Margem, se o Arnaldo Jabor trocou mesmo o cinema pelo jornalismo ou se o Babenco vai continuar filmando em Los Angeles. Do debate que participei no Centro George Pompidou, em Paris, o público demonstrou ter muitas informações sobre o cinema brasileiro. Este interesse é o maior libelo contra o descaso, o desinteresse de se encontrar uma solução para o cinema nacional.

— O senhor ainda tem esperança no Pólo de Cinema de Brasília?

— Foi através do pólo que meu filme ganhou sua versão comercial em 35 mm. Com esta versão, ganhei prêmios especiais em Gramado, Havana e Washington. Apresentei a versão no Festival de Leipzig, na Alemanha, em Paris e no Festival de Toulouse. Do ponto de vista político, o Pólo cumpriu os com-

promissos assumidos com os cineastas brasileiros. Além disso, as coisas estão paradas só nas aparências. Há um movimento subterrâneo das forças vivas da sociedade. Os festivais continuam. Nelson Pereira, mesmo sem as condições ideais, está filmando. O curta brasileiro é um sucesso, e o maior exemplo é o filme *A Ilha das Flores*, de Jorge Furtado.

— E quais são suas expectativas para o futuro do cinema brasileiro?

— Há possibilidades enormes de co-produções com outros países. O próprio Nelson Pereira está fazendo isso com capital francês. O que nós precisamos é de um apoio mais efetivo do governo e dos empresários brasileiros. O Brasil tem tudo para retornar seu diálogo com o mundo através do cinema.